

**OS TRAÇOS (INTER)LINGÜÍSTICOS/
CULTURAIS E OS PARÂMETROS
CURRICULARES NACIONAIS**

BORSTEL, Clarice Nadir von ¹

¹ Professora Adjunta do Colegiado de Letras/Campus de Marechal Cândido Rondon e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras.

RESUMO: Este artigo tem por objetivo refletir sobre os fenômenos de usos de línguas *em* e *de* contato, os aspectos lingüísticos e culturais, em comunidades multilíngües, um cenário de descendentes de (i)migrantes de vários estados do país e de países, principalmente aqueles que se encontram na fronteira do oeste paranaense. Pretende-se, também, mostrar se há alguma referência sobre os fenômenos de usos lingüísticos nos PCNs, documentos de orientação para o professor e facilitador da prática pedagógica, que, em nenhum momento, faz uma reflexão sobre os traços pluriculturais de contato lingüístico no português brasileiro, um tão complexo tema e tão real como o da diversidade de línguas *em* e *de* contato na região. Acredita-se que este conhecimento sociolingüístico é necessário para o trabalho em sala de aula - o professor desta região, que vai ensinar a Língua Portuguesa, tem que saber sobre a língua étnica de seu aluno. Trata-se, desse modo, de uma análise lingüística e didática a que os docentes precisam atender e, assim, possam ser aceitas para poder analisar os traços lingüísticos e culturais diferentes a partir da língua materna vernácula dos descendentes de (i)migrantes para poder observar e trabalhar os traços semelhantes e diferentes na oralidade e na escrita do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas em Contato, PCNs, Práticas Pedagógicas

ABSTRACT: This article intends to discuss about the phenomena of the languages' usage *in* and *from the* contact, the linguistic and cultural aspects, in multilingual communities, a descendants setting of (im)migrants from several states of the country and countries, most of them are found in the west border of Paraná state. It is intended, also, to show if it has some reference about the phenomena of the linguistic usage in the PCNs, orientation document for the professor and a facilitator of pedagogical practice, that, so far, does not refers to the cultural plurality traces of the linguistic contact in the Brazilian Portuguese, a subject so complex and real as the diversity of languages *in* and *from the* contact in the region. It is believed that this sociolinguistic knowledge is necessary for the work in classroom - the teacher of this region, whom is going to teach the Portuguese Language, has to know about the ethnic language of his/her student. Therefore, this is about a didactic and linguistic analysis which the docents need to think about and, thus, they can be accepted to analyze the different linguistic and cultural traces from the vernacular mother language of the descendants of (im)migrant to observe and to process the similar and different traces in the orality and in the writing of the student.

KEY WORDS: Languages in Contact, PCNs, Learning Concepts

Os projetos pedagógicos recentes, especialmente os que se baseiam nas orientações dos PCNs, têm proposto aspectos sobre língua e cultura como objetos de ensino. Ao observar essa tendência, decidiu-se apresentar neste texto o

entendimento de uma prática pedagógica para a atuação em cenários complexos, principalmente naqueles nos quais o professor, normalmente, não compartilha da língua e da cultura étnica de seus alunos, como o é o caso dos contextos de (i)migrantes e seus descendentes, podendo minimizar os conflitos (inter)lingüísticos/culturais. Este processo lingüístico é considerado sob o enfoque sociolingüístico/pragmático, e refere-se aos estudos dos traços pluriculturais, ao bilingüismo e à bilingüidade de línguas *em* e *de* contato (HEYE, 2003), e como estes fenômenos de usos lingüísticos são abordados nos PCNs de Língua Portuguesa, Introdução e Pluralidade Cultural, quando há um cenário transcultural, “um local onde várias culturas e línguas coexistem”, como no caso da região do Lago de Itaipu, no oeste paranaense.

Em comunidades de fala de falantes do *Brasildeutsch* (a hibridização lingüística de vários dialetos alemães trazidos para o Brasil, mais o alemão institucionalizado e o português brasileiro com suas variáveis no sul do país), como neste enunciado de um entrevistado: “*Jo, ich malen mit dem Bleistift, no papel, jo... das Wald und die daitschen Kolonisten...como está na fotografia... olha vovo wie schen ist das...*”-‘Sim, eu desenho com o lápis, no papel, sim...o mato e os colonos alemães..., como está na fotografia... olhe vovó como isto é bonito’(a observação participante de Borstel, em fevereiro de 2007, por uma falante de 45 anos de idade, interagindo com sua avó de 81 anos de idades, na área urbana de Marechal Cândido Rondon).

No falar do *talian* (o falar italiano brasileiro em situações de poliglossia com traços dialetais do italiano normativo em um processo de hibridização com o português brasileiro). Exemplifica-se com a enunciação de uma falante do gênero feminino, de 55 anos de idade, da área urbana de Palotina: “*Eu? Parlar talian? Nada. Parlar um poquetim talian com mío pai...ah! i um pouco com mío nõnno... pouco... mui pouco*”-‘Eu? Falar talian? Nada. Falo um pouquinho de *talian* com meu pai...ah! e um pouco com meu avô... pouco... muito pouco’ (BORSTEL; DOTTO, 2002).

Pesquisou-se, também, o falar *polaco* (traços dialetais do falar polonês brasileiro com o português brasileiro), na situação enunciativa de uma senhora de 53 anos, da Vila Marga-

rida, Marechal Cândido Rondon, "Tak, i sou brazylijcyk...ja mieszkam...tem muito tempo que moro aqui na beira do rio...nós viemo do Rio Grande, com moja família, em 1970."- 'Eu sou brasileira...eu moro...tem muito tempo que moro aqui na beira do rio...nós viemos do Rio Grande do Sul, com nossa família, em 1970. (BORSTEL, 2005).

Investigou-se, ainda, um pequeno grupo da comunidade de fala de Guaíra, sobre o falar *portunhol/guarani* (traços do léxico do guarani paraguaio "el guarani japorá", do castelhano/espanhol e o português brasileiro), uma senhora de 75 anos de idade, de Guaíra, imigrante do Paraguai: "Em los últimos 30 años, nois voltamus la centralizar la comunidad aqui en Guaíra en los eventos festivos, en la Igreja da Virgem de Caacupê...y tengo un velho amigo que my ajuda...o Faustino é um karai tuya, muy sinverguenza má my ajuda la centrar la comunidad."- "Nós últimos 30 anos, nos voltamos a unir a comunidade aqui em Guaíra, nos eventos festivos, na Igreja da Virgem de Caacupê... tenho um velho amigo que me ajuda... o Faustino é um homem velho, muito sem-vergonha, mas me ajuda a unir a comunidade" (AGUAZO; BORSTEL, 2006).

Nas investigações, acima citadas; as observações participantes neste cenário sociolingüístico/pragmático, verificou-se os fatos interlingüísticos de alternância de código, destes falantes (i)migrantes e seus descendentes nas comunidades de fala na região.

A concepção sobre *comunidade de fala*, originalmente, utilizado por Hymes (1967), como *speech community*, quando do uso de linguagem, é conceituada como formas externas de regulamentação da comunicação verbal, e estes eventos de fala são considerados, no funcionamento de sistema de língua, quando da interação comunicativa entre os falantes de um determinado grupo sociolingüístico sob o viés da solidariedade e da pragmática.

A sociolingüística, sob uma perspectiva pragmática objetiva estudar a linguagem, sob o viés da etnográfica social, isto é uma forma de lingüística de campo. Ela não pode ser exercida sem recorrer a observações de situações sociais efetivas, qualquer que seja sua natureza: espaços públicos, reuniões associativas, situações profissionais, redes familiares, instituições escolares, entre outras. Os dados, investi-

gados, são apresentados em situações sociais reais. A presença do observador participante, no campo, permite que o mesmo tenha acesso a fatos lingüísticos e discursivos que não poderia inventar. Labov (1983), explicitou claramente, sob o nome de “paradoxo do observador”, a posição particular na qual se encontra o lingüista de campo, pois o investigador tem acesso aos elementos prosódicos, fônicos, gramaticais e lexicais, às formas de discursos mais vernáculos possíveis e autênticas, na interação comunicativa entre os usuários.

Pautado na concepção de estudos de Labov (1983), sobre a sociolingüística, para quem a hierarquia social condiciona os usos de variações lingüísticas sob o enfoque da competência comunicativa de Hymes (1972), quando este último cita que o usuário para poder se comunicar, a teoria sobre a competência lingüística introduzida por Chomsky (1978), não é suficiente para explicar as interlocuções entre falantes de algumas comunidades de fala. Deve-se, no entanto, considerar os cenários sociais, culturais e históricos no tempo e no espaço, respeitando as “estratégias discursivas” pragmáticas dos usuários.

A pragmática leva em consideração as diferenças existentes entre os falantes de uma conversação. Esse estudo despontou, a partir dos estudos de Austin (1962) e Searle (1984), consistem em identificar um determinado ato de fala no contexto da comunicação verbal.

As possíveis reflexões, dadas sobre os estudos da pragmática e da sociolingüística são definidas em termos amplos. Mey (1998, 2001), apresenta esses estudos em cenários de enunciação em contextos voltados ao interesse societal do usuário, pois

tomar uma formação societal como texto implica atribuir vozes: primeiramente, falantes e ouvintes, mas também eventuais espectadores, ouvintes desconhecidos, leitores (próximos e distantes, tanto no tempo como no espaço) [...] Uma voz pressupõe um papel, uma personagem, portanto, uma atividade, uma ação. (MEY, 2001: 19).

Assim, também para Bakhtin (1988), a voz societal tem uma concepção de diálogo e de dialética na comunicação verbal.

Segundo Dascal um estudo é reconhecido sob o enfoque da pragmática e do contexto da enunciação, quando “... a noção de contexto de enunciação contém também, o que parece natural,

o contexto verbal (enunciados anteriores e posteriores) que se insere no enunciado” (1982: 21). Os enunciados se apresentam como real e sócio-histórico cultural, nestas comunidades de falas de grupos étnicos/culturais, quando do uso de interação comunicativa bidialetal e, ou multilíngüe, como se apresentam os estudos de Borstel (1992; 1999; 2003; 2004; 2005), neste cenário de hibridização de línguas e culturas na região.

A sociolingüística/pragmática despontou, no cenário da língua vernácula nacional e de línguas em contato (línguas maternas vernáculas étnicas), como uma área fértil e desafiadora, dada a necessidade de levantar dados para poder compreender e refletir sobre a realidade de usos lingüísticos de um país em que diferentes dimensões sociais se conjugam para a configuração de um quadro sociolingüístico/pragmático complexo. Esta realidade até um passado bem recente era conhecida como uma forma lingüística marginalizada pela sociedade brasileira, não respeitando a heterogeneidade lingüística regional do bidialetalismo e multilingüismo no país, sob um enfoque cultural societal.

No caso desta reflexão, sabe-se que o multiculturalismo é contemplado nos PCNs, e, que no campo da educação, as polêmicas sobre o multilingüismo e os aspectos interculturais são particularmente complexas e geram várias dificuldades sobre a alteração de livros didáticos ou dos currículos escolares, revelando a dificuldades de se alcançar um consenso, capaz de conciliar diferentes perspectivas entre grupos sociais, sistemas de interesse e formas diferentes de poder. É, a partir destas colocações, que se faz esta discussão lingüística e cultural para poder refletir sobre os conteúdos no cenário escolar de comunidades interlingüísticas e interculturais.

A SITUAÇÃO (INTER)LINGÜÍSTICA/CULTURAL DE (I)MIGRANTES EM UM CENÁRIO SOCIETAL

A interface língua e cultura, sob os aspectos baktiniano, quando trata sobre as múltiplas vozes e os efeitos obtidos pela contraposição destas entre si, destaca-se pela experiência de outros meios de expressão, principalmente o enfoque cultural de um

determinado grupo (música, língua étnica, pintura, cinema, televisão, entre outras), trazido e/ou transferido para a forma escrita.

Para Bakhtin, sobre os diferentes aportes da filosofia da linguagem, das teorias lingüísticas e da metalingüística nas mais diversas épocas e períodos no tempo e no espaço da história, foram apresentados e aplicados vários conceitos de sistema de língua, enunciação monológica, fala do usuário, considerando sempre a heterogeneidade lingüística com relação ao discurso de outrem. Essas, muitas vezes, se cristalizam no uso situacional de línguas. Mas para o autor, “as variantes se encontram na fronteira da gramática e da estilística” (1988: 155).

Contudo, nesta abordagem, considera-se a diversidade lingüística de uma determinada língua ou em comunidades de fala que fazem o uso situacional de uma mesma língua e, ou de dois códigos lingüísticos, portanto, as inter-relações entre língua, cultura, história e sociedade são muito complexas e, na maioria das vezes, estar frente-a-frente com uma co-variação de fenômenos de usos lingüísticos sociais e, ou multiculturais, faz com que esses fenômenos lingüísticos de desgramaticalização não sejam aceitos tão facilmente pela sociedade como um todo. Esses usos de língua, somente tiveram maior aceitação pelos estudiosos, a partir dos estudos que se preocupam com a língua e a cultura sob implicações societais.

Assim, interpretam-se estudos de fenômenos de usos de língua e não de sistema de língua, lembrando que, segundo Hoffmann (1991: 95), esses fenômenos podem ser tratados distintamente, no que diz respeito às transferências gramaticais e lexicais, empréstimos, misturas de línguas e alternâncias de códigos. O autor cita que no campo da lingüística, não há cortes claros de distinção ou abordagens de comum acordo, para analisar ou descrever as definições desses fenômenos de usos lingüísticos, pois, algumas vezes, pode cruzar-se em tempos, ou parecer contraditórias, assim como a tarefa de separar termos de mistura, como no caso da forma plural do alemão: *die Ohrens (die Ohren 'as orelhas')*, dos termos de alternância de código (*Die Ohrens do papai sind grob 'As orelhas de papai são grandes'*) não é tão fácil quanto parece ser. Para o autor, há traços totalmente notáveis na fala de

falantes bilíngües jovens e adultos, quando direcionados de um para outro falante, tanto em relação aos traços de transferências gramaticais e lexicais, como de empréstimos, misturas de línguas (os traços são mais notáveis em crianças) e alternância de códigos.

Há um uso freqüente de transferências gramaticais pelos falantes bilíngües quanto à ordem de palavras substantivo/adjetivo. Para bilíngües de línguas românicas, isto é comum, no caso do espanhol, português, italiano e francês, mas não com línguas do ramo germânico como o inglês e o alemão (ROMAINE, 1995: 219). No uso da transferência no nível gramatical, como no caso do uso da preposição, de acordo com Romaine, dois aspectos podem ser considerados: as preposições são usadas com várias funções, isto em diferentes línguas e como esse *input* de variedades afeta os falantes monolíngües e bilíngües com relação à aquisição da linguagem, como no caso os exemplos: "*Ich fahre auf dem Bus nach Hause* em vez de *mit dem Bus*"-'Eu vou para casa com esse ônibus'; ou no exemplo: "*Ich hab das auf dem Fernsehen gesehen* em vez de *im/in dem*"-'Eu o tenho visto na televisão'.

Portanto, os fenômenos de usos lingüísticos devem ser analisados sob o enfoque da cultura e de aspectos interlingüísticos em comunidades de fala multilíngües.

Para o estudioso sociolingüístico, o objeto de investigação é a língua e os fatores sócio-culturais, no tempo histórico e no espaço geográfico que condicionam a competência comunicativa dos usuários. Daí, então, ser impossível negar a diversidade de variáveis que o português brasileiro pressupõe, dadas às características de formação pluricultural e multilingüísticas no Brasil, tanto no passado quanto no presente da população brasileira em várias regiões do país.

Em muito casos os usos de línguas ainda envolvem fatores ideológicos e o estigma que existe em relação a determinadas variedades, principalmente a determinadas comunidades de (i)migrantes de fronteiras e grupos remanescentes de nativos.

Para alguns estudiosos da linguagem, como Brown, língua e cultura "estão intrinsecamente interligados, de modo que uma não pode se separar da outra sem a perda do signifi-

cado da língua ou da cultura” (1994: 165). Assim, quando se dá a interação comunicativa entre os usuários, sempre ocorrerá um processo chamado por Brown de aculturação entre comunidades e grupos interlingüísticos de fala.

Neste estudo, há uma necessidade de se fazer uma reflexão sobre crítica cultural a partir de aspectos (culturais) aqui referenciados. O principal enfoque desta reflexão é o uso de língua e da cultural, uma vez que a concepção desta última não é tarefa muito fácil, pois são inúmeras as definições de cultura encontradas na literatura. A concepção de cultura evoluiu significativamente, passando por diferentes tendências e correntes epistemológicas. Muitas concepções e discussões surgiram, algumas consagradas outras não. As discussões que aqui serão tratadas sobre cultura e língua é *na e pela* diferença, vem de uma tradição antropológica.

De acordo com a tradição antropológica, a cultura é considerada, como uma totalidade de características de um grupo social. Portanto, a cultura de uma determinada comunidade de fala e, ou região ou classe social representa uma maneira diferente de viver e se comunicar de um outro grupo ou região, apresentando valores e idéias, seus significados e, como esses se refletem nas instituições, nas relações sociais, nos hábitos e costumes, nos sistemas de línguas de tradições e traduções (ROBINS, 1991 e BHABHA, 2001), quando há os confrontos de tradição de línguas e culturas de uma mesma etnia com outros grupos da mesma etnia e, ou de outras etnias, ocorrendo transformações e hibridizações de línguas, culturas, crenças, nos usos dos objetos e na vida material e espiritual dos usuários de um determinado grupo multicultural. O multicultural refere-se sempre ao diferente (a polêmica). Esta concepção do ponto de vista antropológico, muitas vezes, foi criticada e ainda o é, em razão das diferentes correntes do pensamento pós-moderno.

A partir destas considerações, objetiva-se apresentar o conceito de cultura e suas implicações nos fenômenos de usos de línguas na comunidade de fala destes grupos, anteriormente citados, nesta região do extremo oeste do Paraná.

Apresenta-se o conceito de cultura sob o enfoque de língua, de Kramsch,

... a cultura pode ser definida quando o usuário em uma comunidade discursiva partilha um espaço social e histórico "os *imaginings*" comuns. Mesmo quando eles deixam aquela comunidade, seus membros podem conservar; onde eles estiverem, um sistema comum de padrões de percepção, crenças e atitudes. Estes padrões são geralmente chamados de sua "cultura". (1998: 10).

A autora defende que a língua é o principal meio de expressão cultural. Por isso, segundo ela, parece ser inegável que, ao aprender uma língua, aprende-se também a sua cultura sócio-histórica. Kramsch aponta algumas características da cultura que deveria ser respeitada quando do ensino de uma dada língua,

a cultura é manifestada através da língua do povo que a usa; A cultura de um povo é construída historicamente; A cultura é um meio ao mesmo tempo de liberação e constrangimento (quando, por exemplo, impõem discriminação ou seleção); A cultura como processo que causa inclusão ou exclusão, sempre acarreta o exercício de poder e controle; A cultura de um povo é reproduzida e preservada através de mecanismos institucionais que também fazem parte da cultura: museus, escolas, bibliotecas, governos, corporações e mídias. (Kramsch, 1998: 11).

Nas colocações da autora, os contatos de confronto entre culturas dão lugar a uma abordagem dialógica, criada pela união entre línguas e culturas em contato, ou seja,

numa exploração de fronteiras, a qual não enfatiza "pontes" que evitam preconceitos e mal-entendidos (visão de "aproximação" e "empatia" base da perspectiva intercultural de origem), mas sim o entendimento mais profundo das próprias fronteiras culturais através de discussão e reflexão. (Id., op.cit.: 15).

E neste contexto sócio-cultural de uma abordagem de culturas de fronteiras e divisas entre estados e países, o que se observa é a cultura no plural, assim como é referenciado por Certeau (1995). Esta região apresenta um processo de hibridização cultural e lingüística, pois, os mesmos estão enraizados geograficamente em comunidades de formação de (i)migrações de várias regiões do Brasil e de vários países, no Lago de Itaipu, fronteira do Brasil com o Paraguai e no Rio Paraná divisa do Paraná com o Mato Grosso do Sul.

Portanto, neste cenário sociolingüística/pragmático multilíngües, não é possível hoje, coexistir nenhuma língua

totalmente isolada, ou seja, indiferente às influências da globalização e de outras línguas com as quais os falantes estão em contato em seu dia-a-dia. Entende-se que o português brasileiro não é uma língua homogênea, pois neste cenário de línguas *em* e *de* contato, observa-se que as línguas existem e acontecem, realizam-se de fato, em situações culturais e lingüísticas em um determinado espaço e de um período sócio-histórico e cultural, através da interação dos falantes quando há a representação simbólica da língua e cultura do eu na vida cotidiana interagindo com o outro.

Desse modo, pode se observar a heterogeneidade lingüística e cultural, também conhecidas como variações interlingüísticas. O conceito de línguas em contato (WEINREICH, 1953; HEYE, 2003) aceita que vários podem ser os fatores ou os meios que resultam em variação pelo contato de línguas. Entre as influências externas (políticas, econômicas, culturais e de poder) estão os estrangeirismos e os empréstimos. É através da solidariedade de um grupo que se têm os fenômenos de usos interlingüísticos como o *code switching* (alternância de código), as alternâncias e transferências gramáticas (fônicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e lexicais) e as misturas de línguas (o *input* através de dois códigos lingüísticos).

Neste cenário de divisa e fronteira, há uma marca muito forte de transculturalidade e de vernaculização, num processo de circulação e de resgate de símbolos culturais, como a cristalização de festas religiosas, danças étnicas, a culinária em espaços sociais (festas étnicas de tradução cultural híbridas), diálogos (inter)lingüísticos/culturais do português brasileiro e de línguas *em* e *de* contato.

OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Nos parâmetros curriculares, discutem-se, em especial, as questões sobre a forma institucional (normativa) de língua portuguesa e alguns aspectos sobre a diversidade lingüística e cultural abordados no PCN - Língua Portuguesa dos ciclos de ensino básico, fundamental e médio, com o objetivo de apresentar aspectos textuais que relevam sua

inadequação, enquanto documento que dê suporte à prática pedagógica aos docentes e discentes.

O que leva a esta discussão é que no cenário escolar, desta região, não são abordados os fenômenos de usos de língua e, somente, o sistema de língua portuguesa. Por isto, analisam-se os conceitos utilizados pelo PCN de Língua Portuguesa. No volume PCN - Introdução, são abordados os diversos conceitos sobre linguagem, definidos superficialmente, pressupondo conhecimentos prévios pelos docentes, o que, na verdade, não ocorre, pois nem todos os docentes do primeiro e do segundo ciclo têm uma formação lingüística, nem os professores do ensino fundamental, formados em Letras, tiveram uma formação sobre os fenômenos de usos de línguas.

Os PCNs citam e contemplam as diversidades culturais, existentes, no país, e tentam construir referências nacionais comuns ao processo educativo. Procuram auxiliar a comunidade escolar no contexto das discussões pedagógicas atuais. Estes documentos se posicionam contra discriminações pelas diferenças culturais, mas em relação à alternância de código, alternâncias e transferências gramaticais (fônica, morfológica, sintática, lexical e semântica) e misturas de línguas, é observado nesses documentos que, há uma ausência de informações a este respeito.

O único fenômeno de uso, abordado no PCN de Língua Portuguesa, refere-se ao estrangeirismo e aos empréstimos, contando que o estudante precisa ter consciência sobre o “emprego adequado de palavras limitadas a certas condições histórico-sociais regionalismos, estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, jargões, gíria” (1997). O mundo, as ciências, as técnicas e os costumes evoluem rapidamente e há uma urgência em nomear as novidades.

Em um primeiro momento, há uma imposição do termo em inglês, pois todas estas são novidades introduzidas e nomeadas, sem traduções nem adaptações. A adoção de um termo estrangeiro pode ser um ato de cultura e *status*, mas sempre é gerada por uma necessidade prática. Com uma realidade de multiculturas e de bidialetalismo como o é a do nosso país, o fato de a interpenetração das línguas e culturas não aceitar o

estrangeirismo e/ou o empréstimo lingüístico se constituiria, em uma visão por demais limitada e estreita de fatores lingüísticos e sócio-culturais de várias etnias. Existem formas que reduzem o impacto da importação de termos, como a tradução, a adaptação gráfica e o desenvolvimento de um sentido técnico em palavras do uso comum. Mas o aportuguesamento de uma palavra ou expressão não se faz por decreto, uma vez que acompanha o uso que os falantes nativos da língua fazem desses empréstimos lexicais. Então seria pertinente que houvesse uma abordagem maior dos PCNs sobre o fenômeno de usos de línguas por (i)migrantes, principalmente nesta região do país, em um cenário tão multilingüístico e pluri-cultural.

Do ponto de vista da prática pedagógica, é preciso ressaltar que o objeto de ensino deve ser entendido como sendo o que a prática escolar privilegia e legitima: a linguagem e a cultura/étnica do outro sem que haja o estigma. Deve-se, desse modo, apresentar uma análise lingüística e didática a que os docentes precisam atender e, assim, possam ser aceitas para poder analisar o diferente, a partir da língua materna vernácula dos descendentes de imigrantes para poder observar o semelhante da língua portuguesa neste cenário (inter)lingüístico/cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso país, não é possível deixar invisível a existência de grupos étnicos, mesmo que minoritários, pois, deve-se levar em consideração as línguas, culturas e identidades sociais em cenários simples e/ou complexos de interação comunicativa na mesma região e/ou comunidades de fala.

Os próprios documentos dos PCNs - Introdução - Língua Portuguesa - Pluralidade Cultural contemplam o respeito pelo multiculturalismo. Os documentos convocam a Escola e por extensão, os educadores, para o compromisso da cidadania. Nesta perspectiva, na forma de conteúdos transversais, reconhecem a Pluralidade Cultural do Brasil e argumentam a favor do debate de questões sociais desenvolvidas pelos alunos com respeito às diferenças, buscando uma forma de

interação comunicativa com o repertório lingüístico e sócio-cultural (PCN - Pluralidade Cultural, 1997).

Os estudos sobre os usos lingüísticos abordam as questões de estrangeirismo, empréstimos, alternâncias e transferências gramaticais, alternância de códigos e misturas de línguas. Esses fenômenos podem ser tratados na prática pedagógica, observando as falácias na interpretação e argumentação dos dados, oferecendo ao aluno e ao professor conhecimentos para a escolha apropriada entre os diferentes fenômenos lingüísticos, tipos de dados e procedimentos analíticos ao trabalhar a língua nacional, os vários fenômenos de usos de língua *em* e *de* contato e a estrangeira institucional na sala de aula.

REFERÊNCIAS

AGUAZO, Cristian E.; BORSTEL, Clarice N. von. Estudos sociolingüísticos da comunidade de fala de Vila Velha, Guaíra, Paraná. *Relatório de Iniciação à Pesquisa da Unioeste/2006*, p.01-15, 2006.

AUSTIN, John. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: ARTMED, 1990 [1962].

BAKHTIN, Mikhail (V. N. VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1988.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. De Lima Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

BORSTEL, Clarice N. von. *Aspectos do bilingüismo: alemão/português em Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil*. Florianópolis, SC: UFSC, 1992. (Dissertação de Mestrado).

_____. *Contato lingüístico e variação em duas comunidades bilingües do Paraná*. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ, 1999 (Tese de Doutorado).

_____. Poliglossia em contextos de ilhas lingüísticas. *Jornada de estudos lingüísticos e literários-Unioeste*. v.6, p.101-125, 2003

_____. Identidades étnicas e situações de uso de línguas. *Revista paLavra*, Rio de Janeiro, n. 11, 134-145, 2003a.

_____. O code switching no Brasildeutsch e no Talian. *Revista do Gelne*. João Pessoa, Ano.5, n. 1 e 2, p. 37-46, 2003b.

_____. A sociolingüística/pragmática em duas escolas de comunidades de etnia italiana. *UNILETRAS*. Ponta Grossa, n.26, p.65-78, 2004.

_____. O conflito étnico/cultural e interlingüístico de descendentes de poloneses. *Revista Espéculo (Universidad Complutense)*. Madrid, n. 31, p. 1-10, 2005.

_____ e DOTTO, Vera L. A. Variação lingüística em línguas em contato. *Relatório de Projeto de Pesquisa da Unioeste*. Cascavel, PR. Digitado - Unioeste PRPPG, p. 1-20, 2002.

BRASIL, MEC. *Parâmetros curriculares nacionais: Introdução*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 1997.

BRASIL, MEC. *Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 1997.

BRASIL, MEC. *Parâmetros curriculares nacionais: Pluralidade cultural e Orientação Sexual*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 1997.

BROWN, H. Douglas. *Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall Regents, 1994.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Trad. Enid A. Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Massachusetts: The MIT Press, Cambridge, 1965. Tradução Portuguesa. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Ed. Armênio Amado, 1978.

DASCAL, Marcelo. Pragmática - problemas, críticas, perspectivas da lingüística. Campinas: IEL/Unicamp, 1982.

HEYE, Jürgen. Línguas em contato: considerações sobre bilingüismo e bilingüidade. In: RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p. 229-235.

HOFFMANN, Charlotte. *An introduction to bilingualism*. England: Longman, 1996.

HYMES, Dell. On competence communicative. In: PRIDE, J. & HOLMES, J. (Ed.) *Sociolinguistics*. Harmonds Worth PBooks, 1967, p. 269-294.

_____. The ethnography of speaking. In: FISHMAN, J. (Ed.). *Reading in the sociology of language I*. Mouton The Hague, 1972, p. 99-138.

LABOV, William. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid: Ed. Cátedra, 1983.

KRAMSCH, Claire. *Language and culture*. Oxford University Press, 1998.

MELIÁ, Bartolomeu. *La lengua guarani del Paraguay: história, sociedad y literatura*. Madrid: Ed. MAPFRE, 1992

MEY, Jacob. Etnia, identidade e língua. In: SIGNORINI, Inês. (org.) *Lingua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 69-88.

_____. *As vozes da sociedade: seminário de pragmática*. Trad. Ana Cristina Aguiar. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SEARLE, John R. *Os actos de fala*. Coimbra: Almedina, 1984.

ROBINS, Kevin. Tradition and translation: national culture in its global context. In: CORNER, J. e HARVEY, S. (orgs.). *Enterprise and heritage: crosscurrents of national culture*. Londres: Routledge, 1991, p. 20-45.

ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. 2.ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995.

WEINREICH, Uriel. *Languages in Contact*. New York: Linguistic Circle & The Hague, Mouton, 1953.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Colegiado do Curso de Letras — Campus de Cascavel

REVISTA LÍNGUAS & LETRAS

Versão eletrônica disponível na internet:
www.unioeste.br/saber